Ano XXII — Lisboa, Agosto de 1966 — N.º 256

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista · Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp e Imp.: Livraria Cruz — Braga

A MAIOR VITÓRIA

Envolvidos pelo mais caloroso aplauso popular, embalados pelo louvor da crítica e pelo elogio da Imprensa, distinguidos ainda por galardão oficial, os membros da equipa portuguesa que disputou o Campeonato Mundial de Futebol foram acolhidos na sua pátria com homenagens que é de uso prestar aos que se evidenciam por valorosos feitos. Embora não nos deixemos arrastar pelo entusiasmo dos apaixonados do futebol, não seremos nós quem vá dar a *fífia* no coro das aclamações. Os rapazes disputaram com galhardia os diversos desafios, marcaram posição brilhante e impuseram o nome de Portugal. Estamos em crer que o êxito será mais honroso ainda se, guardando uma justa noção das proporções e dos valores humanos, o relegarmos para o campo desportivo, onde aliás fica muito bem.

Será mesmo observado pelo prisma desportivo que o feito da equipa portuguesa mais se valoriza. Não nos emociona tanto o facto de ter sido possível vencer espectacularmente as mais importantes equipas de futebol como o reconhecimento unânime de que os portugueses defrontaram os seus adversários com o maior aprumo e correcção ao ponto de conseguirem impor a reciprocidade de atitudes aos seus antagonistas. Não sabemos que maior elogio desportivo lhe pudesse ter sido feito. Lábios insuspeitos declararam que os portugueses salvaram a dignidade de um campeonato que se evidenciara por violência e brutalidade extremas incompatíveis com a ética desportiva.

É admirável que tivesse sido possível ir à pátria do *fair play* dar tal lição de desportivismo. Sinceramente esperamos que esse mesmo espírito se venha a revelar nos estádios nacionais para prestígio do futebol. O desporto só tem beleza se conduz o homem ao domínio dos seus instintos e das suas energias.

Todo o jogo tem regras. Para vencer ou perder honrosamente e com brilho exige-se o cumprimento destas. O mérito da equipa portuguesa está em que alcançou uma boa classificação sem iludir as regras do jogo.

Baden-Powell criou o Escotismo como um Grande Jogo. Portanto com regras: a Lei do Escoteiro. Muitos querem seguir o jogo, agrada-lhes as técnicas e as práticas, mas pretendem ignorar as regras. São maus jogadores. Jogam sem brilho nem dignidade. Fazem uma mascarada de Escotismo.

A vida é também um grande jogo. O que o Escotismo procura é que o rapaz vá à vida bem preparado, sentindo o dever de cumprir fielmente as regras. Todos temos de participar nesse grande jogo da vida e ninguém se furta à competição. Na Escola, na Profissão, na vida social, em toda a parte nos é lançado o desafio. Precisamos de prevenir o jovem Escoteiro de que muitas vezes terá de defrontar adversários que não estão dispostos a cumprir as regras. A sua actuação será brilhante se proceder tão lealmente que force os parceiros a uma atitude de reciprocidade.

Esta foi a maior vitória dos desportistas portugueses, a grande lição que deram. Saibamos que no Comércio, na Indústria, nas Ciências, nas Artes, na Política, venceremos valorosamente se cumprirmos as regras do jogo, forçando os outros a cumpri-las também.

A propósito de desporto

Os artigos que no último número publicámos acerca de problemas desportivos mereceram francos aplausos de muitos leitores, que assim manifestam a sua inquietação pelas influências que a crise dos clubes desportivos podem exercer na mentalidade e educação da juventude. O nósso estimado assinante sr. Joaquim de Sousa Piscarreta escreve:

Perante as verdades contidas nos criteriosos artigos de Mariano Garcia e Joel Ribeiro e insertas no «Sempre Pronto» de Junho, sente-se o signatário pequeno para adiantar algo ao que com tanta precisão e clareza é apresentado sobre os males de que enferma o desporto e o que poderá ser feito para que melhore. No entanto, porque Lagos já marcou posição no campo desportivo e hoje atravessa um período crítico por ausência de mentores que despertem na juventude sentimentos nobres e elevados, proporcionados pela prática sã do desporto, vimos dirigir-nos àqueles que outrora praticaram desporto regrado e apelar para o seu espírito de colaboração.

Continua na pág. 4

«SEMPRE PRONTO» CONTINUA A RECEBER APOIO DOS SEUS LEITORES

Não podemos dizer que a situação deste jornal esteja estabilizada. O problema financeiro, sobretudo, é difícil e é ainda cedo para tirar conclusões. Uma coisa, no entanto, é certa: continuam a chegar até nós palavras de incitamento de leitores amigos que nos expressam a sua simpatia.

Os antigos assinantes patrocinadores apressam-se a confirmar a sua adesão, aceitando a nova quota de patro-

Continua na pág. 5

Actividades do Escotismo

Não achamos demais fazer notar a alta importância que têm para o escoteiro as actividades praticadas em campo.

Têm elas a finalidade de não só distraí-lo como cultivar o seu espírito em ciências, artes e ofícios estranhos, muitas vezes, à sua profissão.

Entre as várias actividades contamos a *Topografia*. Nela cada escoteiro põe em actividade não só os conhecimentos que aos poucos vai adquirindo, como também lhe proporciona o estranho prazer de lhe revelar, em todas as suas minúcias, os segredos da região estudada e, assim, o escoteiro insensìvelmente vai enriquecendo os seus conhecimentos de forma a que possa ser, não temos dúvidas, um óptimo guia num limitado espaço de tempo.

A par desta actividade, temos a *Botânica*, que proporciona ao escoteiro os conhecimentos necessários para a procura, classificação e recolha de plantas raras e medicinais, que enriquecerão os seus herbários e farão o seu orgulho quando patenteados os seus amigos.

Não esqueceremos aqui a *Astronomia*, a mais antiga das ciências, que nas belas noites estreladas nos dá as mais sábias lições de Harmonia Universal, de que nos falam C. Flamarion e Newton, e nos permitem com os seus marcos infinitamente distantes, localizar lugares além horizonte, calcular distâncias, dividir as estações do ano, através das constelações e por fim permitir que possamos ver as horas nesse mostrador gigantesco, que Deus colocou na nossa frente.

CASTOR NEGRO

Tribo dos Wabagas

TOPOGRAFIA

Damos sob esta epígrafe algumas indicações que serão muito úteis aos escoteiros, que ainda não tenham a capacidade de topógrafos, para os auxiliar na leitura das cartas topográficas.

COMO ORIENTAR A CARTA

De posse de uma carta, orientamo-la procurando um local marcado na mesma, fazendo coincidir a sua representação gráfica com o objecto representado. Desta forma, todos os lugares estarão identificados, tornando-se assim fácil a sua leitura.

Isto quando na mesma não vem indicada a respectiva orientação, sempre representada com uma pequena seta limitada pelas letras N junto à flexa e S no lado oposto.

Usando a bússola, que sempre acompanha o escoteiro, procuramos orientá-la até encontrar o N, representado pela parte azul da agulha, descontando a declinação magnética que se encontra à esquerda do Norte verdadeiro.

Tomada a carta, fazêmo-la rodar até coincidir o Norte da bússola com a flexa da carta e efectuado isto, está a carta orientada.

ACHAR A ESCALA OMITIDA

Muitas vezes, possuímos cartas topográficas, que por qualquer circunstância não têm escala. É-nos fácil encontrá-la pelo modo que vamos ver.

Mede-se a distância entre dois pontos conhecidos, que sejam representados na carta. Em seguida, mede-se a sua representação gráfica na mesma; dividimos a distância natural pela carta e acharemos um número, que representa a escala.

Exemplo:

Entre dois pontos distantes num terreno há uma distância de 3 quilómetros e a sua representação gráfica é de 0m,15 temos então:

$$\frac{3\,000}{0{,}15} = 20\,000 \text{ ou seja}$$

a escala $\frac{1}{20\,000}$.

As cartas mais usadas no nosso país são as do Instituto Geográfico e Cadastral na escala de 50 000. As cartas da escala de 20 000 são do Estado Maior do Exército. Encontram-se também cartas na escala de 100 000.

Alguns instrumentos de reconhecida utilidade em campo:

Bússola de alidade Peigné.
Pedómetro ou conta-quilómetros.
Curvímetro.
Barómetro aritmético (a).
Duplo decímetro.
Régua de Milésimos.
Estádia.

(a) Só para alpinistas para lhes indicar a altitude a que se encontram.

O egoísmo impera.

Mas não poderá o Escotismo contribuir para debelar o mal?

Ser Escoteiro é ser franco, leal, dedicado ao seu semelhante, numa palavra, é ser útil.

Assim, quando reparamos nos actos egoístas que a todos os momentos se praticam em nossa volta, inquirimos: Porque não encaminhar as coisas para que cada criatura que ao mundo vem, pela graça de Deus, possa ser um Escoteiro?

O Escoteiro abraça todos sem distinção de raças, credos, cores ou políticas; o Escoteiro obriga-se pelo seu juramento a ser fiel à Pátria e à Família, guiando os seus passos na prática do bem. Contacta com a Mãe Natureza para mais se aproximar de Deus. Quanto «mais perto da Natureza mais perto de Deus».

Se aqueles que dirigem esses pioneiros do bem não se desviarem dos princípios do Escotismo, será possível encontrar melhor caminho para alcançar a Fraternidade que Cristo pregou? Em nosso modesto entender não é possível encontrar caminho melhor porque ser Escoteiro é ser cristão, e onde Cristo está presente sente-se a necessidade de amar o próximo como a nós mesmos. Esta é a atitude que se impõe para vencermos socialmente falando e até espiritualmente, porque o exemplo do Mestre chega para nos convencermos que não há corpo sem alma.

Joaquim de Sousa Piscarreta

O ESCOTISMO NA CAPITAL



Grupo n.º 94

Comemorações do 32.º aniversário

Em 12 de Julho passado, realizou-se na sede deste Grupo uma sessão comemorativa do seu aniversário, a que assistiram escoteiros e seus familiares.

O programa constou de jogos e diversas cerimónias escoteiras, tendo prestado promessa os novos lobitos Gilberto Costa Ventura dos Santos e Mário dos Santos, que ingressaram no Banco Encarnado, tendo como padrinhos os antigos escoteiros Jaime Formoso Ferreira e Luís Garcia Inácio.

O chefe de Tribo, Armando Morais, tomou a promessa dos novos escoteiros, que ingressaram na Patrulha Cão.

Os escoteiros Carlos Alberto Costa Ferreira e Rui Horácio Filipe Macedo receberam insígnias de classe, tendo este recebido ainda as medalhas de Assiduidade, cobre, e Dedicação e Bons Serviços, prata, com que foi agraciado pela Direcção Central, distinção que mereceu os aplausos de todos os seus companheiros.

Foram também entregues insígnias de 1.ª estrela aos lobitos Afonso Mariano Inglês, José Vítor Carolino e Fernando Manuel Silveira.

O final da festa constituiu um momento da maior alegria para os mais novos, os lobitos. Um grande bolo com 32 velas sopradas por todo o Grupo.

Foram ainda projectados alguns filmes pelo antigo escoteiro sr. Jaime Famoso Ferreira, entre os quais um da recente actividade da Fraternal em Sintra.

ACAMPAMENTO

Nos dias 16 e 17 de Julho realizou-se um acampamento comemorativo do aniversário, em que participaram patrulhas dos Grupos n.os 7, 8, 14, 93 e 94, num total de 60 rapazes, entre escoteiros, lobitos e dirigentes. As Divisões acamparam separadas. Os Escoteiros sob a chefia dos chefes de tribo realizaram um concurso que se desenvolveu por toda a actividade, enquanto os aquelás Armando Inácio e Leonel Gonçalves, dos grupos 94 e 8, respectivamente, realizavam uma actividade de treino de lobitos.

O fogo de conselho de sábado foi aceso pelo sr. Eng.º Nobre Santos, escoteiro-chefe-geral adjunto, que presidiu ao fogo.

Ao içar da bandeira e com a Alcateia em Grande Círculo prestou promessa o novo lobito Carlos Póvoa dos Santos, que foi apadrinhado pelo Chefe Xavier.

No momento do arrear das bandeiras, foram proclamadas as patrulhas vencedoras do concurso:

1.ª — Patrulha Tigre, do Grupo 8.
2.ª — Patrulha Falcão, do Grupo 14.
3.ª — Patrulha Raposa, do Grupo 93.

Após este cerimonial cantou-se com saudade a «Canção do Adeus», com que se encerrou uma boa actividade escoteira. — C.

Um escoteiro

realmente «sempre pronto» evitou um grave desastre

A notícia foi-nos trazida por «O Comércio do Porto». O caso passou-se em França. Um autocarro conduzia 48 alegres jovens escoteiros franceses a caminho do seu acampamento e rolava, nessa altura, junto dum precipício. Nisto, o motorista foi acometido por uma tão violenta crise cardíaca que teve morte imediata. O pesado autocarro ficou sem governo e todos os seus ocupantes se aperceberam imediatamente do grave risco que corriam. Ao lado do condutor viajava o guia Jean-François Daniel, de 17 anos, que, evidenciando presença de espírito e decisão, demonstrou estar *sempre pronto*. Em vez de se alarmar, agiu como escoteiro: Debruçou-se e, com as mãos, carregou firmemente no pedal do travão. O veículo parou no momento em que ia a despenhar-se numa ravina de elevada altura.

Estavam salvas as vidas de todos os que viajavam no autocarro.

* * *

O Escoteiro está sempre preparado para agir inteligentemente em todas as circunstâncias. Seria assim, meu caro Escoteiro, que tu procederias nas mesmas circuntâncias?

Publicações

Boletim da Associação dos Cegos do Norte de Portugal

Recebemos o número único deste Boletim, que insere vária colaboração acerca da acção e dos objectivos desta prestimosa associação.

Agradecemos.

Relatório da Assistência Evangélica a doentes da lepra

Recebemos o relatório das actividades da Assistência Evangélica aos Doentes da Lepra referente ao período de Julho de 1964 a Dezembro de 1965. Da sua leitura, colhe-se uma ideia geral da obra que está instituição está levando a cabo, em especial nos seus dispensários de Vieira de Leiria e da Guia. Essa actividade e o corolário de um conjunto de dedicações que, com denodo, luta estòicamente contra a falta de meios e contra o muito que há fazer em empresas como esta, que vive da generosidade dos seus amigos.

DE SINTRA

Grupo n.º 93

Visita de escoteiros franceses

Sintra, ponto consagrado dos roteiros turísticos, recebeu a visita de 32 escoteiros do Grupo 5 — St. Louis — de Paris. Descobertos pelo Guia da Patrulha Raposa que os encontrou em *apuros* por não encontrarem local para acampar, já que, Sintra, a «Bela Adormecida», não dispõe de um único parque de campismo, foram trazidos ao contacto do nosso Grupo.

Resolvida a dificuldade, os camaradas franceses foram acampar numa propriedade de um antigo escoteiro, que amàvelmente a cedeu.

Na noite de 12 de Julho, os nossos visitantes estiveram na sede do Grupo 93, onde foram acolhidos pelos escoteiros e directores, tendo-lhes sido oferecida uma ceia, finda a qual se puderam ouvir os tradicionais gritos e canções escoteiras.

ANIVERSÁRIO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Este Grupo fez-se representar nas comemorações do 76.º aniversário da 1.ª Secção dos Bombeiros Voluntários de Sintra. Durante a sessão solene, que se realizou no salão nobre da Corporação, um guia do 93 teve a honra de descerrar uma lápide dedicada ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Sintra.

Foram entregues diplomas a vários sócios honorários, entre os quais se contavam os srs. Tenente Manoel de Mattos e Francisco Veloso de Lima, presidente e vice-presidente da Direcção deste Grupo de Escoteiros.

O sr. Capitão Calado, presidente da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, fez entrega ao sr. Manoel de Mattos da medalha de «Bem Fazer», com que foi agraciado por aquela instituição.

Os Escoteiros prestaram guarda de honra, tendo sido referidos diversas vezes nos discursos. — C.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

DOENTE

Por ter dado uma queda na sua residência, esteve internada no Hospital de S. José a esposa do nosso amigo e antigo chefe escoteiro sr. Álvaro Rodrigues, que, felizmente já regressou a sua casa e se encontra a caminho do restabelecimento.

DE LUTO

Por falecimento de seu irmão sr. José Cortez Pinto, ocorrido em 7 de Agosto corrente, encontra-se de luto o nosso estimado assinante Sr. Dr. Francisco Cortez Pinto, presidente do Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros, a quem endereçamos as nossas sentidas condolências.

NASCIMENTO

Pelo nascimento de seu primeiro filho em 25 de Julho passado, uma bonita menina, encontram-se de parabéns o nosso dedicado Redactor Mariano Garcia Inácio e sua Esposa Sr.ª D. Maria de Jesus dos Santos Rolo Garcia Inácio. Todos os seus companheiros os felicitam pelo feliz acontecimento, desejando à Isabel Maria as maiores venturas.



Vida no campo

Não hesites, camarada, amigo do ar livre, vai para o campo, só ou acompanhado, debruça-te sobre a Natureza, aproxima-te de Deus, admirando a sua obra. OBSERVA. Se foi um insecto que prendeu a tua atenção, estuda-o, analisa os seus hábitos, o local onde vive, de que se alimenta, como se reproduz. Desenha-o em todas as suas posições. Anota as suas cores. Se o quiseres estudar mais profundamente, constitui um pequeno viveiro, proporcionando-lhe, tanto quanto possível, as condições de ambiência em que ele vivia.

Nunca o maltrates. Por mais insignificante que te pareça, é uma vida que o homem não seria capaz de produzir. Se verificares que esse insecto, ou outro qualquer animal, é nocivo, deves destruí-lo, mas sem o torturar. As tuas colecções poderão ser constituídas ùnicamente por desenhos, actividade mais artística. Mas em todo o caso, se quiseres fazer colecção, nunca captures mais que um exemplar de cada espécie. No entanto, o desenho tem sobre a colecção a grande vantagem de forçar a uma mais minuciosa observação.

Se for uma patrulha de escoteiros que, de cooperação, se lançar no estudo da Natureza, com perseverança e tempo, pode transformar o seu *canto de patrulha* num Museu que causará admiração de quantos o visitarem.

A Banda da Sociedade Filarmónica de Pero Pinheiro

distinguiu-se no Concurso Festival de Kerkrade, Holanda

A presença das bandas portuguesas no Festival de Kerkrade, na Holanda, é já tradicional e essa presença deve-se ao entusiasmo e espírito de iniciativa do nosso companheiro, antigo escoteiro do Grupo 1, Maestro António Gonçalves.

Esteve ali em 1958, pela primeira vez, com a Banda de Montijo, num esforço extraordinário, que foi coroado com a conquista de um segundo prémio.

Em 1962, voltou à Holanda com a Banda de Pero Pinheiro, que agora participou novamente no Festival, tendo alcançado com muito brilho o terceiro prémio, num concurso em que participaram 53 bandas de amadores de diferentes partes do Mundo.

Sabendo-se que os membros da Banda de Pero Pinheiro são homens de trabalho, que dedicam à música algumas horas de ócio roubadas ao seu merecido descanso, imagina-se a força de vontade, trabalho e dedicação de que todos deram prova e, sobretudo, a notável competência técnica e artística do nosso companheiro António Gonçalves, a quem sinceramente felicitamos por este seu novo êxito.

S. O. S. FRATERNAL!

Nunca o «Sempre Pronto» organizou uma reunião que despertasse tanto interesse como a sessão inaugural dos trabalhos da Fraternal dos Antigos Escoteiros. De toda a parte nos chegam provas inequívocas de simpatia e abrem-se todas as portas a que batemos pedindo colaboração. São manifestações de uma família numerosa que se alegra pela rara oportunidade de se reunir e confraternizar.

São estas as palavras com que este jornal dava a notícia da sessão inaugural da nossa Fraternal, reunião que se realizaria em 19 de Novembro de 1949.

Sabemos que o tempo passa depressa e que um acontecimento verificado há 17 anos parece agora um facto remoto, já quase perdido nas sombras do passado. Contudo, este desfiar de anos ainda não conseguiu fazer-nos esquecer o entusiasmo que rodeou a formação da Fraternal dos Escoteiros. Essa sessão inaugural foi uma cerimónia cheia de vida. Mais de 400 pessoas assistiram a esta memorável reunião, que foi, sem qualquer dúvida, um dos casos mais expressivos da actividade escotista em Portugal do após-guerra.

Recordamos como a concretização do velho sonho da Fraternal vinha dar satisfação aos nossos desejos de reunir, numa organização, todos esses velhos camaradas da aventura incomparável do Escotismo que havíamos vivido e que as necessidades da vida tinham separado e disperso pelos mais afastados recantos do país e até do estrangeiro.

A Fraternal formou-se e desenvolveu-se. Apesar de não contar no seio todos aqueles que poderiam usar desse privilégio, esta associação tem-nos proporcionado — recordemo-lo todos — momentos de grande prazer espiritual, não só através das actividades que tem levado a cabo, como pela oportunidade que oferece de estreitar os laços de amizade com velhos companheiros e com as suas famílias.

Pois bem. Estas linhas representam um brado de alerta. A Fraternal vem ùltimamente dando sinais de enfraquecimento, não por parte da sua dedicada Direcção, mas sim pelo lado dos seus associados. Desde claudicar, temos tido, nós todos, a responsabilidade. Por motivos vários, alguns dos companheiros têm deixado de comparecer nas reuniões; outros, não têm correspondido às iniciativas da Direcção. Este estado de coisas, tem vindo a provocar um visível desinteresse de todos, porque sentem que a Fraternal deixou de ser o centro de convívio que até certa altura era.

Há que lutar decididamente contra esta desintegração. É preciso que cada um pense bem a falta que sentiríamos com o desaparecimento desta simpática colectividade. Muitas vezes só se dá o verdadeiro valor a uma riqueza que possuímos depois de a termos perdido. A Fraternal não pode desaparecer.

Estamos num período de férias. Que nos nossos momentos de lazer reconsideremos devidamente este problema, a fim de que, quando voltarmos à nossa actividade normal, dêmos aos nossos compromissos morais aquela assistência que esperam de nós.

Para já é preciso que cada um tome como uma obrigação estar presente na próxima reunião para aprovação dos novos Estatutos, a fim de provarmos a vitalidade desta instituição.

Há que fazer uma chamada geral. Ofereçamos à Fraternal a nossa quota-parte de esforço, de interesse. Isso pode ser traduzido, nalgumas vezes, apenas com a nossa presença.

Lá esperamos a todos.

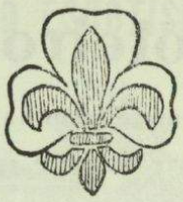
S. O. S. Fraternal!

A propósito de desporto

Continuação da pág. 1

Novos e velhos unidos no sentido de fomentar mais e melhor desporto, poderão contribuir para uma juventude mais sã. A prática de atletismo, que ùltimamente tem encontrado em Lagos alguns adeptos, afigura-se-nos mais proveitosa que o futebol. Avante, pois, jovens que nos acompanham! Parar é morrer e Portugal precisa das vossas vidas para se tornar maior e melhor.

Joaquim de Sousa Piscarreta



ANTIGOS ESCOTEIROS

1.º Aniversário da Secção de Campismo

O dia 23, dia em que se costumam reunir no Restaurante da Rua de S. Paulo os antigos escoteiros, calhou em Julho a um sábado, pelo que Secção de Campismo da Fraternal aproveitou o ensejo para comemorar o seu 1.º Aniversário, tendo convidado os antigos escoteiros para se reunirem no Parque de Escotismo da Caparica, onde foi servido o jantar. A ementa, caldo verde e bacalhau assado, preparados pelas mãos hábeis dos veteranos, saíram excelentes. O Companheiro Xavier de Brito entreteve-se a partir lenha para a fornalha e o companheiro José Nogueira lavou com muita perícia a hortaliça já migada, num ambiente de autêntica camaradagem escoteira.

Durante o repasto, em que participaram muitos companheiros e famílias, festejou-se também o aniversário do companheiro Eduardo Xavier, de que se teve conhecimento por uma útil «indiscrição».

Tomaram parte na festinha o sr. M. G. Richardson e seu filho, chefe distrital dos Escoteiros Britânicos, que foi convidado para cortar o bolo de aniversário.

A terminar os companheiros Luís M. Santos e Eduardo Xavier, directores da Secção, agradeceram a todos os presentes a sua participação no jantar, palavras que foram sublinhadas com palmas e alegres canções, que se prolongaram até às 23 horas. — *A. I.*

Dr. Norberto Lopes

Como é do conhecimento dos nossos leitores, o Sr. Dr. Norberto Lopes, ilustre Director do «Diário de Lisboa», e sua esposa, Sr.ª D. Maria Emília Vieira Lopes, sofreram em 16 do corrente, em S. Pedro do Estoril, um brutal acidente de viação, de que ficaram gravemente feridos, o que sinceramente lamentamos.

Todos os que trabalham em *Sempre Pronto* têm acompanhado desde a primeira hora a evolução do estado de saúde do Sr. Dr. Norberto Lopes e de sua Esposa, sendo grato verificar que têm reagido favoràvelmente e se encontram em boa recuperação, apesar dos cuidados que inspiravam.

Manifestando ao Sr. Dr. Norberto Lopes a nossa maior simpatia, formulamos votos por um pronto restabelecimento.

Educação

— a chave de muitos problemas

Muitas vezes temos afirmado nestas colunas que o Escotismo tem a resposta certa para muitos problemas da humanidade na hora actual. Se investigarmos certas crises de ordem social, política ou económica, verificamos demasiadas vezes que no seu âmago se encontram problemas de educação, sobretudo, de educação cívica.

Esta verdade foi uma vez mais evidenciada num interessante artigo do sr. Dr. Evaristo Franco acerca dos problemas do trânsito rodoviário, do qual recortamos, com a devida vénia, o seguinte trecho:

. . . . . .

A educação cívica

Há um pormenor que tem escapado aos legisladores: a educação cívica do homem a quem se outorga o direito de conduzir.

Vivemos em hora de progresso, em todos os campos da actividade humana, mas progresso atrabilioso e trepidante. Avançamos para o futuro, entre rumores de descontentamento e estrondos de derrocadas. O homem, na ansiedade de conquistar a ventura material, esquece-se da sua alma.

A finalidade social básica da religião, sintetizada no conceito milenário do amor ao próximo, perdeu vigor no nosso século, batida pela avidez sórdida de todas as formas de egoísmo.

A evidência não carece de demonstração. Vêmo-la no empobrecimento progressivo do respeito do mais novo pelo mais velho, no desprezo pelo conselho assisado de pais e avós, na indiferença pelo direito alheio e na quebra do senso comum. Já o célebre humorista brasileiro dizia, a sorrir, que nada lhe causara maior surpresa na América do Norte do que o cuidado e respeito com que os pais obedeciam aos filhos.

A humanidade, para resolver os maiores problemas que de momento a apoquentam, tem de refazer o homem a partir da primeira infância. É indispensável voltar a estruturar-lhe, na medida do possível e gradualmente, o subconsciente, para lhe formar uma consciência perfeita.

«Confiai-me a criança até aos sete anos, e depois fazei dela o que quiserdes».

Educar antes de ensinar

Desenvolver o civismo do indivíduo corresponde a melhorar-lhe a alma. O grave problema da segurança na estrada depende tanto dos factores de ordem espiritual, como dos de natureza técnica. Antes de preparar o condutor para o volante, urge apurar-lhe os sentimentos de respeito pelos outros. Deixaremos, desse modo, de ouvir os insultos dirigidos pelos condutores levianos e apressados, em plena rodovia ao automobilista prudente que soube evitar o risco de lhe permitir a ultrapassagem, quando o desvio oferecia perigo. Marcharemos tranquilos na nossa mão, em plena artéria citadina, sem ser atormentados pelos vagares do taxi que nos precede livre, ou pelo buzinar constante do que nos segue ocupado. Não voltará a apoquentar-nos o abominável quadro de contemplar a aflição da mulher do povo com uma criança ao colo, o velho enfermiço e desagasalhado, ou o carregador ajoujado sob o peso da carga, parados junto do lancil do passeio, e muitas vezes fustigados pelas inclemências da chuva, aguardando constrangidos que passem os automobilistas, para poderem sair do lugar de tortura em que se encontram.

Eduquemos, moralmente, o condutor, antes de o ensinar a conduzir.

Só desse modo conseguiremos melhorar as estatísticas dos incidentes na estrada.

A correcção dos defeitos humanos faz-se melhor na escola, no templo ou no dispensário, que na esquadra, no tribunal ou na cadeia.

Educar — é ainda a profilaxia segura contra todas as formas do mal.

In «Jornal do Médico», revista do Auto-Clube Médico).

«SEMPRE PRONTO»

continua a receber apoio dos seus leitores

Continuação da pág. 1

cínio de Esc. 50$00 anuais, levando muitas vezes a sua amabilidade ao ponto de nos enviarem a importância das assinaturas para um e dois anos.

Responderam agora ao nosso apelo os seguintes amigos: Srs. Alfredo Jorge Gállis, Prof. Aníbal Ramos, Armando Champlon, E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, José Manuel da Costa Soares Macedo, Tenente Manuel Canhão Fernandes e D. Maria do Carmo Martins, que manifestaram o desejo de manter a categoria de Patrocinadores e a quem endereçamos os nossos agradecimentos.

* * *

A Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros ao remeter-nos a contribuição de Esc. 500$00 com que amàvelmente quis ajudar «Sempre Pronto», teve ainda a cativante gentileza de nos dizer: *Aproveitamos a oportunidade para manifestar a V. toda a nossa admiração pela obra de prestígio e propaganda do Escotismo a que o «Sempre Pronto» se tem dedicado, pela qual todos os antigos escoteiros se devem mostrar agradecidos.*

São todas estas manifestações de amizade, muitas vezes bastante generosas, que nos constrangem a lutar para que o jornal prossiga, embora isso signifique uma tarefa demasiado dura para todos aqueles que aqui trabalham.

Esperemos que novos amigos venham juntar a sua adesão como Patrocinadores para que a vida de «Sempre Pronto» possa prosseguir como todos desejamos.

Mente sã em corpo são

OS PERIGOS DO FUMO

(Do livro «Fisiologia da Alma»)

Se a natureza não soubesse defender-se tão sàbiamente quando a criatura fuma o primeiro cigarro, é quase certo que esta tombaria irremediàvelmente envenenada! Por isso, assim que o menino pratica a estultícia de se estrear no vício do fumo, o seu organismo lança mão dos mais aflitivos e desesperados recursos, quer na tentativa de fazê-lo desistir de sobrecarregar-se com o excesso de nicotina mortal, como também para ganhar tempo e neutralizar o veneno já inalado através do primeiro cigarro.

Daí o motivo das náuseas, da salivação abundante, dos vómitos imediatos e coercivos com que o corpo lança fora certa parte dos venenos já condensados no estômago pela queima do tabaco. Depois dessa expulsão urgente pela via bocal, surgem os suores frios que, examinados em laboratórios, revelam conter várias substâncias perigosas que foram drenadas apressadamente pela eliminação sudorífera. Em certos casos de debilidade orgânica do paciente, a natureza ainda se serve de outros recursos, apressando a diurese ou produzindo surtos disentéricos com que elimina a carga tóxica e agressiva produzida pelo fumo. Se, porém, o indivíduo teima em se entregar ao vício do fumo, o seu organismo o pressente e mobiliza outros recursos para constituirem sua defesa futura. Daí o condicionamento gradativo e instintivo que se efectua pouco a pouco no indivíduo, permitindo-lhe, mais tarde, consumir grande quantidade de cigarros sem se envenenar de imediato.

Mas, de futuro, surgem outros efeitos das toxinas do fumo, e que, do carácter agudo dos primeiros envenenamentos, os transforma desapercebidamente em casos crónicos do fumador inveterado, embora sob melhor «contrôle» do seu organismo contra os venenos. Surgem então periódicas dores de cabeça, que geralmente provêm do monóxido de carbono; as irritações dos brônquios, da garganta e dos pulmões, produzidas pela amónia ou piridina, e também das fossas nasais, devido ao calor da brasa do cigarro, que cresta as mucosas sensíveis das narinas. Há, ainda, os efeitos danosos dos derivados alcatroados do fumo, que também actuam por longo tempo, atacando os pulmões e enegrecendo os dentes.

Além da nicotina, que é o alcaloide ofensivo contido no tabaco, a absorção incessante das outras substâncias agressivas que enunciámos também lesam todas as defesas orgânicas e dificultam principalmente a filtração hepática, criando campo favorável para os resfriados comuns e as condições intestinais. Mesmo a dispepsia — tão responsabilizada como produtora do «excessivo nervosismo» próprio do homem dinâmico do século XX — tem no vício do fumo um dos seus principais agentes patogénicos, pois é através da saliva nicotinizada que se perturba o metabolismo da produção e combinação dos sucos gástricos. As toxinas do tabaco agridem também a delicada mucosa intestinal, minam-lhe as defesas e perturbam as funções digestivas e dos fermentos enzimáticos.

Os venenos do tabaco terminam integrando-se na circulação sanguínea e passam a formar resíduos nocivos, constituindo-se como reserva prejudicial no organismo, cuja eliminação se torna demorada e dificultosa, porque o homem ainda se sobrecarrega de sais, condimentos e alcoóis, que agravam o trabalho drenativo pelas vias emuntórias. Assim, retarda-se a limpeza e a higiene do corpo, e o fumador jamais se apresenta completamente saudável, pois vive permanentemente assediado por um ou outro incómodo orgânico. Conviria que, em caso de envenenamento crónico mais grave, o fumador inveterado permanecesse algumas semanas em repouso, e até sob jejum quase completo, alimentando-se à base de sucos de frutos e privando-se de condimentos e sal. É um tratamento de emergência em que o repouso, a pouca alimentação e a dieta de substâncias excitantes permitem o aproveitamento total das funções dos órgãos de defesa e limpeza, drenando para fora do corpo os tóxicos nocivos do tabaco.

Para se comprovar a existência de intoxicação em um homem viciado com o tabaco, é bastante humedecer um lençol e enrolá-lo no seu corpo despido para, depois de transpirado, verificar-se no lençol a sua forma exacta, modelada pela nicotina expulsa no suor. Esta é uma prova importante de que o viciado pelo fumo é um intoxicado permanente e vulnerável às doenças mais comuns.

Boletim «Jaguar»

Saiu mais um número, respeitante ao segundo trimestre deste ano, do Boletim «Jaguar» que, com todo o entusiasmo, o Grupo n.º 4, do Porto, vem publicando.

Este número além de diversa colaboração interessante, traz larga referência à sessão comemorativa do 29.º aniversário do Grupo n.º 4, que se realizou em 22 de Maio passado, entre cujos actos se destacou a entrega pelo Chefe do Núcleo, Sr. Vidal Vieira dos Santos, da medalha de «Dedicação e Bons Serviços», classe prata, ao Chefe António Barbosa, que tão dedicadamente dirige aquele Grupo.

O Boletim «Jaguar» completou também um ano de publicação, motivo por que lhe endereçamos as nossas felicitações, com votos de mais progressos.

UM JOGO DE VEZ EM QUANDO

PASSAGEM SOB O TÚNEL

Participantes — 2 a 4 patrulhas de 8 escoteiros cada.

Formação — As patrulhas com os jogadores em coluna por um, bem juntos e de pernas afastadas, são colocados paralelamente e intervalados de 2 a 4 metros.

Desenvolvimento: À voz de *começar*, o último escoteiro de cada patrulha baixa-se e vai passando ràpidamente por entre as pernas dos que estão à sua frente, indo-se colocar à frente de todos, de pernas afastadas, na posição em que os outros se encontram. Todos os escoteiros passam sucessivamente como o primeiro, ganhando a patrulha que primeiro terminar.

Patrulhas Piloto 66

Conforme informação divulgada pela Chefia Geral, encontram-se já apuradas as patrulhas melhor classificadas na 2.ª fase do Concurso «Patrulhas Piloto 66» nos núcleos de Porto e Gaia, que são as seguintes:

Patrulha Gato Preto do Gr. n.º 4, com 408,6 pontos.
Patrulha Cuco do Gr. n.º 15 com 408,6 pontos.
Patrulha Lobo do Gr. n.º 44 com 412,2 pontos.

Como prémio da sua brilhante actuação nas duas fases já disputadas, estas patrulhas receberão da Direcção da A. E. P. subsídios para a deslocação dos respectivos efectivos, a fim de tomarem parte no X Acampamento Nacional, onde será disputada a fase final do Concurso.

«Sempre Pronto» felicita com entusiasmo os triunfadores nortenhos, de quem espera poder registar algumas impressões durante o próximo Acampamento Nacional, e apresenta com satisfação aos seus leitores os nomes de todos os componentes de cada patrulha:

«Cuco» do 15: Jorge Henrique Fernandes, guia; Fernando José Leite, subguia; José Alexandre Fernandes, Eduardo Gaspar Bernardes, Fernando Rui Soares, Joaquim Manuel Moreira e Adolfo Fernando Cruz.

«Lobo» do 4: José Alberto Paiva, guia; Manuel Francisco Saraiva, subguia; Alberto Fernando Pereira, Jorge Eduardo de Oliveira, António de Castro Miranda, António Jaime Leite, Manuel da Silva Pinto, Olímpio Lopes e Aquiles Machado.

«Gato Preto» do 4: António Maravilhas Pereira, guia; Ramiro Gomes da Silva, subguia; António Manuel de Sá, José Manuel Braga, Francisco Soares Ferreira, Luís Fernandes Machado e José Cândido Moura.

Segundo apurámos, apesar de já ter expirado há bastante tempo o respectivo prazo, a Chefia Geral não recebeu ainda os resultados correspondentes às patrulhas dos Núcleos de Lisboa e do Algarve, sendo de notar que o desenvolvimento desta 2.ª fase estava a cargo dos chefes dos Núcleos.

Fica assim sèriamente comprometida a continuidade deste tão interessante concurso.

PRÉMIO ESPECIAL

Registamos com aplauso a decisão da chefia Geral ao conceder um prémio extra no concurso «Patrulhas Pitoto 66», a atribuir aos guias de todas as patrulhas que tendo obtido o título de «Patrulha Piloto» não conseguiram classificar-se no 1.º e 2.º lugares da classificação da 2.ª fase.

Trata-se do pagamento das correspondentes deslocações para também poderem estar presentes no X Acampamento Nacional.

Fraternal

O 6.º Acampamento dos Antigos Escoteiros

A Secção de Campismo da Fraternal levou a efeito, conforme fora anunciado, de 13 a 15 de Agosto corrente, o 6.º acampamento dos Antigos Escoteiros, actividade que se integrou nas comemorações do 1.º aniversário daquela Secção e que teve lugar do Parque de Escotismo da Costa da Caparica, gentilmente cedido pela Direcção da A. E. P.

Apesar de terem comparecido menos companheiros do que no ano anterior, o acampamento decorreu com bastante animação e constituiu uma agradável jornada de companheirismo, como outras a que os campistas da *Fraternal* já nos habituaram.

Carinhosamente recebidos pelos dirigentes da Secção de Campismo, Luís António dos Santos e Eduardo Xavier, os «antigos» foram instalados com suas tendas no sector da *Fraternal* do Parque da A. E. P., o qual havia sido prèviamente preparado com o esforço daqueles companheiros coadjuvados pelos companheiros António Pinto e Domingos de Sousa.

A actividade decorreu nos moldes habituais das reuniões de antigos escoteiros, isto é, sem grande história mas com muitas histórias, num recordar alegre e saudoso de muitos episódios ocorridos há largos anos mas sempre vivos no espírito jovem daqueles que conhecem o lema «Uma vez escoteiro, sempre escoteiro».

Foi pena que estivéssemos tão poucos, pois não éramos mais do que 30 incluindo os familiares. Se fôssemos 300, ou mesmo 3.000, como seria tão agradável! E ainda ficariam por comparecer muitos antigos escoteiros!

X ACAMPAMENTO NACIONAL

A Chefia Geral da A. E. P. e a Secção do Campismo da Fraternal estabeleceram de comum acordo que durante o X Acampamento Nacional poderão estar presentes uma ou duas patrulhas de antigos escoteiros, que se instalarão no sector especialmente destinado à *Fraternal*.

Os antigos tomarão parte em algumas actividades dos escoteiros, nomeadamente nas cerimónias de abertura e encerramento, jogos de conselho e festas de campo.

O equipamento em campo dos «antigos» é o uniforme escoteiro, actual ou antigo, com o emblema da *Fraternal* no lugar onde os escoteiros usam o emblema da A. E. P.

O Acampamento Nacional realizar-se-á de 3 a 11 de Setembro próximo, esperando-se a presença de escoteiros de todo o Continente, talvez das ilhas e uma representação de Angola.

UM NOVO CONCURSO INTER-PATRULHAS

A Chefia Geral lançou já as bases para um novo e muito interessante concurso inter-patrulhas, a realizar brevemente.

O tema judiciosamente escolhido é a apreciação do *Caderno da Patrulha*, como documento histórico da actividade e valor da patrulha e de todos os seus componentes.

O *Caderno da Patrulha* tem merecido desde sempre a atenção de «Sempre Pronto» que por diversas vezes ocupou as suas páginas com úteis explicações sobre a forma como se organiza e trata, conforme reconhece a própria Chefia Geral que recomenda aos guias e secretários a leitura de tais artigos.

No desejo de colaborar com as patrulhas que pretendam organizar o seu *Caderno*, o noso jornal remeterá gratuitamente a todos os guias os números que se referem a esta matéria, desde que nos manifestem tal desejo e nos mandem os respectivos selos para o envio pelo correio.

FESTIVAL DE NATAÇÃO NO C. S. P.

Com a participação de alguns grupos de escoteiros e de atletas do Clube Sportivo de Pedrouços, o Núcleo de Lisboa realizou no dia 31 de Julho p.p., na piscina Luís Alves Miguel, gentilmente cedida para o efeito pelo referido Clube, o seu II festival de natação, que este ano teve a particularidade de incluir entre os concorrentes dois escoteiros invisuais do grupo n.º 21 do ramo de extensão.

DOS AÇORES

Passeio dos Lobitos americanos

No dia 20 de Julho, 27 Lobitos da Alcateia da Base Aérea n.º 4 (Lajes), visitaram a cidade de Angra do Heroísmo e arredores, sob o patrocínio do Grupo n.º 52 da Associação dos Escoteiros de Portugal, e nomeadamente do seu chefe, Jacinto dos Reis Moniz Silva, que dirigiu a excursão.

Tomaram também parte no passeio, o chefe da Alcateia, Joseph Silva, assim como as dirigentes, Mrs. Phyllis Dynia, Mrs. Priscilla Sanders e Mrs. Bobbie Donald.

Esta actividade, que foi muito apreciada pelos lobitos, teve o seguinte programa: — De manhã, visita ao Museu Regional, Sé Catedral e Armação Baleeira de S. Mateus.

Seguiu-se um lanche no Monte Brasil, junto ao Monumento do Pico das Cruzinhas, após o que os pequenos se ocuparam em vários jogos.

Da parte da tarde, os lobitos, além de percorrerem o Monte Brasil, fizeram uma visita demorada ao Castelo de S. João Baptista, estiveram no Miradouro junto ao Monumento a D. Pedro IV (Memória), e desceram até ao jardim «Duque da Terceira».

Durante esta actividade, o chefe Moniz Silva do Grupo 52 da A. E. P., actuou como comentador histórico e intérprete.

C.

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Número 256

O

Agosto de 1966

GRANDEZA E VALOR

pelo

Rev. Eduardo Moreira

Andava cogitando em certas atitudes e afirmações que na nossa sociedade se fazem, quando li, com imensa satisfação, dois excelentes artigos no nosso «Sempre Pronto», sobre problemas do desporto e seus mentores. E não resisti a vir aplaudi-los, insistindo por minha vez em alguns dos pontos aí tratados.

Vejo uma referência entre comas aos «grandes clubes», e isso me traz à mente e ao bico da modesta pena a lembrança constantemente avivada de certa megalomania de que somos acusados e de que só nos curaremos se nos fizerem reparar no ridículo que ela comporta. Somos tão sensíveis ao ridículo, quando outros no-lo notam!

Marcai no vosso jornal o qualificativo de «grande» que aí apareça, durante um ou dois dias, e vereis que, a ser verdade o que nos dizem as notícias somos um povo de grandes empresas e grandes pessoas com grandes títulos e grandes qualidades. Talvez se haja pensado, sem mais cuidadoso exame, que isso virá do nosso sol, que espelha chapas de luz e alonga manchas de sombra, ou da nossa História feita de aventuras e da Epopeia camoneana, por meio da qual nos embrenhámos nos mistérios da língua.

Será tudo? Será bem isso?

A Pátria, em Camões, é a «pequena Cristandade» e a «pequena casa Lusitana»; e a espécie humana é sintetizada por «um bichinho da terra tão pequeno». É certo que, quando nos refere um certo herói lendário, fá-lo nestes termos:

«Mas dizem que, contudo, o grão [Magriço
«Desejoso de ver as coisas grandes»...

Meditai um pouco na descrição do «grão Magriço» e no seu desejo de grandezas, e tereis aí um retrato em corpo inteiro do aventureiro descuidado e temerário, com alardo gentil, que bem pode ser tomado por um símbolo...

Pequenez e grandeza afinal são expressões relativas. Notai Isaías, o Profeta, quando diz: «Não temas, ó bichinho de Jacob, povozinho de Israel...» (cap. 41:14). Eis o remédio para o orgulho de raça, para a vaidade «chauvinista»: fazer ver a pequenez das coisas e das pessoas será promover a grandeza moral, a verdadeira, que se não jacta.

Falei da relatividade dos qualificativos. Eis um exemplo: nomes há que exprimem as vicissitudes do tamanho. O «Garbe» foi há quinze séculos, todo o Ocidente euro-africano e hoje é uma das mais pequenas províncias da nossa Metrópole, o Algarve. Portocale era há uns oito séculos a junção de duas pequeninas povoações do Norte, e hoje é toda aquela região do mundo onde podemos dizer; «Aqui é Portugal». Algo nos ensina este duplo fenómeno da toponímia.

O certo é que, por mais que façamos, o mundo vê-nos em pequenez; mas nós podemos dizer-lhe: sim, pequeno, como pequena era a Grécia, e conheceis a herança de pensamento e de beleza que nos deixou; pequena a Palestina, e quem não saberá o que ela representa no mundo, lembrando Moisés e Cristo; pequenas a Holanda e a Suíça que nos dão o exemplo de trabalho árduo e larga visão, na conquista ao mar para obter terra, a primeira, e na utilização da montanha para perdurar em liberdade e em indústria, a segunda. E não foi na pequenez das nações italiotas que se gerou a Renascença?

E quanto para o Humanismo contribuímos, cá no extremo do mundo antigo?

Não sei o que vai ficar de toda essa grandeza moderna de glorificação, mas sei que, pequenos como somos, se nos unirmos faremos coisas de valor. Isto é, obras «válidas», outro termo agora muito usado pela crítica, desde que a literatura, em certos sectores, se tem tornado bastante «inválida». Já vi chamar validez ao que se queria significar por validade...

Ora o desporto é uma competição de método para obter uma cooperação de objectivo, no benefício de todos que nele participam. Quem o não saiba ou não sinta é boçal e mesquinho. Sem o alvo cooperativo o desporto seria «desordem organizada» e mais ou menos polida, ao menos nos regulamentos. Muito a fazem sentir os artigos que me levaram a escrever estas linhas.

Ao chegar aqui leio hoje que Eusébio, campeão português do futebol, afirmou depois da vitória: «não passo de alguém que continua a aprender, que terá sempre algo a admirar em Pelé (o campeão brasileiro agora vencido) sem dúvida o maior de todos...».

Ah! Eusébio, grande vitória a tua, esta sim grande, duma grandeza que fica, não sujeita a circunstâncias que o tempo altera!

Falemos do dinheiro, agora. Se o dinheiro toma o lugar de alvo, e não de mero instrumento, lá teremos outra vez o Épico imortal ao falar do verdadeiro amor da Pátria, «não movido de prémio vil». Também se o amor do clube levar a atitudes de chatinagem reles e até de mendicidade disfarçada, não lhe chamaria também o Épico «prémio vil?». Porque não? Seja a ânsia dos réditos, do poder ou da glória, tudo isso pode cegar o homem ou obscurecer o seu caminho.

Vencer ou ser vencido é contingente. Lutar e competir é progredir. Saber vencer e saber ser vencido é ser sempre vitorioso.

Disse Salomão (Prov. 16:32): «O que governa o seu espírito é melhor do que o que conquista a cidade».

SEMPRE PRONTO aguarda a sua adesão como Patrocinador. Remeta-nos um postal, ou faça-nos um telefonema, comunicando a sua adesão.